

Gudin, no Governo, pediria moratória

— Se eu estivesse no comando econômico do País, faria três coisas: daria as mãos à palmatória, confessaria a falência e pediria que todos baixassem seu padrão de vida — disse o professor Eugênio Gudin, que ontem completou 97 anos.

Para ele, que considera a atual situação econômica do País uma "desgraceira", a moratória da dívida externa não é nenhum "desdouro" porque o Brasil já usou desse recurso outras vezes.

— Aqui, os debacles financeiros são periódicos. A situação atual é uma prova da incompetência dos brasileiros. O Brasil só não é uma nação viável por causa da incompetência dos brasileiros. Falta gente capaz de dirigir o País. Portanto, confessar falência é a solução. O Governo já demonstrou que saca muito bem sobre o futuro; faz toda sorte de loucuras e depois não paga. É hora de mudar isso — afirmou Gudin. Entre as "maluquices" que as autoridades brasileiras fizeram, segundo Gudin, está a construção de Brasília e a da Ferrovia do Aço.

— De Brasília, nem gosto de falar: aquele louco do Juscelino Kubitscheck inventou de fazer uma cidade no Planalto Central e o Congresso aprovou. Recentemente, temos a Ferrovia do Aço, que é um absurdo. Construir uma ferrovia luxuosíssima, quando já existe a Central do Brasil. Isso fez com que pegássemos empréstimos externos que agora não temos condições de pagar.



Eugenio Gudin é cumprimentado por Roberto Campos

MORATÓRIA

Apesar de defender a moratória, Gudin acha que o País terá mais dificuldades de negociá-la do que aconteceu nas vezes anteriores que a medida foi adotada:

— Parece que desta vez os credores estão muito resistentes e os negociadores brasileiros muito mais cínicos, o que tornam muito mais difícil de conseguir um acordo.

Depois de pedida a "falência", Gudin defende a necessidade de que todos baixem seu padrão de vida, mudando inclusive seus hábitos alimentares:

— Eu mesmo já baixei substancialmente meu padrão de vida. Antes eu tinha um Galaxie, que era um carro muito confortável, mas cada vez que ia encher o tanque

era um horror. No ano passado troquei por um automóvel menor. Todos devem fazer o mesmo. Por exemplo, em vez de comermos pão feito de trigo, comamos um feito de aipim — recomendou Gudin.

Ele recusou-se a falar sobre os índices recordes de inflação, afirmando ter "desinteresse" pelo Governo e pelo o que ele faz.

— Confesso que tenho, não direi desprezo, mas desinteresse pelo Governo que está aí. O que vou fazer com essa gente que levou o País a esse caos? Por um milésimo do que está acontecendo, eu me demiti de Ministro da Fazenda, mas eles assistem tudo acham graça e ficam indo de avião para Paris, Londres.

O Professor Gudin disse não ver solução financeira para o Brasil, porque não há capital nacional ca-

paz de arcar com os custos do desenvolvimento e o capital estrangeiro não virá mais porque sabe que o Brasil não é um país sério: "Não pagamos nossas contas", afirmou.

Depois de defender uma política de controle da natalidade, Gudin disse que a crise atual do Brasil é moral, citando como estadistas que merecem seu respeito os ex-Presidentes Castelo Branco, Rodrigues Alves, Prudente de Moraes e Campos Salles.

— Prudente, por exemplo, saiu da Presidência da República e voltou a advogar no fórum de Piracicaba. Isso para você ver como eram os padrões morais de antigamente.

Entre os homens públicos que ele considera dentro dos padrões morais para serem Presidentes da República, Gudin citou Aureliano Chaves e Magalhães Pinto.

— Costa Cavalcanti pode ser um bom nome, mas não tem tanto o meu conceito quanto os outros dois — afirmou.

FESTA

O Professor Eugênio Gudin comemorou seus 97 anos em um coquetel em sua casa, que contou com a participação de políticos, economistas e empresários. Entre os presentes estavam o Presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho; o Vice-Presidente do GLOBO Rogério Marinho; o Senador Roberto Campos; o ex-Ministro da Fazenda Octávio Gouvêa de Bulhões.